



OFICINA DE TRANÇAS AFRICANAS COMO EXPERIÊNCIA PEDAGÓGICA EM AMBIENTE NÃO ESCOLAR.

Graça Sebastião Filipe¹
Elisabete Essamai Manga²
Marina Tchuda Blabam³
Evaldo Ribeiro Oliveira⁴

RESUMO

O uso das tranças africanas é uma prática cotidiana no contexto da comunidade unilabiana. No entanto, seu significado, origem e trajetória histórica muitas vezes passam despercebidos por muitos estudantes que adotam o estilo em seu dia a dia. O presente resumo tem como objetivo compreender o significado do uso das tranças africanas no processo de (re)afirmação de identidade, a partir da troca de experiências e vivências dasicineiras e participantes realizada em espaço não-escolar, por meio de realização de uma oficina de tranças africanas. À vista disso, a atividade consiste em debater e demonstrar a importância da valorização e representatividade dessas tranças africanas na comunidade estudantil unilabiana, concretamente com os discentes dos cursos de Bacharelado em Administração Públicas, Bacharelado em Interdisciplinar em Humanidades e Licenciatura em Sociologia por meio de trocas de experiências e vivências dasicineiras e participantes. Apesar da adesão frequente às tranças, há um desconhecimento generalizado sobre o processo histórico que as envolve. Metodologicamente, a oficina foi organizada com base na educação não formal, na qual priorizamos mais a escuta e a troca de saberes (Gohn, 2001). Os resultados mostraram que as tranças estão por além de simples moda ou criatividade, mas elas carregam histórias, significados e um forte significado cultural que podemos não reconhecer, mas que fazem parte da herança ancestral. Na base das falas das participantes, conclui-se que as práticas culturais africanas podem ser debatidas não só no ambiente escolar, mas também dentro da universidade, construindo para valorização dos saberes africanos e afrodescendentes.

Palavras-chave: Tranças africanas; experiência pedagógica; ambiente não escolar.

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), PALMARES, Discente, gracafilipe94@gmail.com¹

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), PALMARES, Discente, lizha98@aluno.unilab.edu.br²

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), PALMARES, Discente, marinatchuda@aluno.unilab.edu.br³

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), PALMARES, Docente, evaldo@unilab.edu.br⁴



INTRODUÇÃO

A proposta desta oficina consiste em estudo de Sá (1999, p.176), no qual dispõe sobre o trabalho educativo não-escolar e o coloca como uma dimensão pedagógica, pois o mesmo propõe possibilidades históricas de transformação social, contribuindo para sua elevação cultural, com a possibilidade de educação para a cidadania. Segundo Sá (1999), a educação não se restringe apenas ao ambiente escolar, tampouco se limita às práticas formais realizadas exclusivamente nas instituições de ensino.

A produção de saberes e os processos de aprendizagem também ocorrem em diversos outros contextos, o que permite compreendê-la a partir de uma concepção ampla. Dessa forma, evidencia-se que a educação pode se dar, de maneira significativa, em espaços não escolares.

A aprendizagem e produção de saberes podem acontecer em ambientes não escolares, o que se denomina de educação não formal. Para Marandino (2017, p. 812), é “qualquer atividade organizada fora do sistema formal de educação, operando separadamente ou como parte de uma atividade mais ampla, que pretende servir a clientes previamente identificados como aprendizes e que possui objetivos de aprendizagem. A atividade em questão será realizada em ambiente não escolar e terá como objetivo prover a aprendizagem sobre a história da trança africana.

Em síntese, corroboramos que o trabalho de um pedagogo em espaços não escolares na contemporaneidade, é a articulação do conhecimento na sociedade e na organização da práxis pedagógica na educação não escolar como um princípio educativo (Sá, 1999). Embora frequentemente associadas ao universo feminino, as tranças africanas vão além de um simples penteado, configurando-se como manifestações artísticas e estéticas, podendo ser produzidas com diferentes técnicas, cores, formatos e desenhos, de acordo com o gosto e estilo de cada pessoa. Culturalmente, as tranças carregam significados relacionados à origem étnica, tradição e história. Conforme Clemente (2010, p. 6), “os penteados indicavam: status, estado civil, identidade étnica, região geográfica, religião, classe social, status dentro da própria comunidade e até detalhes sobre a vida pessoal do indivíduo”.

Atualmente, as tranças africanas são tendências tanto no universo feminino quanto masculino, devido à praticidade e durabilidade que oferecem no cotidiano, podendo permanecer de uma dois meses, dependendo do modelo e dos cuidados adotados.

O uso das tranças africanas é uma prática cotidiana no contexto da comunidade unilabiana. No entanto, seu significado, origem e trajetória histórica muitas vezes passam despercebidos por muitos estudantes que adotam o estilo em seu dia a dia. Apesar da adesão frequente às tranças, há um desconhecimento generalizado sobre o processo histórico que as envolve.

A nosso ver, esse comportamento reflete um apagamento histórico resultante das violências simbólicas e físicas sofridas por africanos e afro-brasileiros durante o período colonial (Dos Reis, 2022). Diante disso, consideramos pertinente realizar uma roda de conversa com a comunidade, com o objetivo de refletir e dialogar sobre as origens, os significados e a importância das tranças africanas enquanto símbolo de resistência, identidade e ancestralidade.

METODOLOGIA

Neste trabalho, descrevemos todo o procedimento realizado durante a aplicação da oficina de tranças africanas, proposta desenvolvida na disciplina Pesquisa e Prática da Atuação do Pedagogo/a em Ambientes Não Escolares nos Países de Integração, ministrada pelo professor doutor Evaldo Ribeiro Oliveira.

O estudo foi realizado em um ambiente não escolar, por meio da oficina, cujo debate girou em torno dos



significados das tranças africanas no processo de (re)afirmação da identidade, a partir da partilha de experiências e vivências dasicineiras e participantes, cuja identidade foram ocultadas. Destacou-se também a importância da valorização e representatividade dessas práticas no contexto acadêmico da Unilab-CE.

A oficina foi realizada no período da tarde, na residência de uma participante que disponibilizará o espaço. O encontro teve início com uma roda de conversa em círculo, favorecendo um ambiente acolhedor de diálogo e troca de experiências. Nesse momento inicial, os/as participantes foram convidados/as a compartilhar seus conhecimentos sobre a origem e a história das tranças africanas, permitindo identificar saberes prévios e estimular a escuta coletiva.

Em seguida, foi feita uma breve contextualização histórica sobre a simbologia das tranças e seus significados ao longo do tempo. No segundo momento, foi feita uma reflexão sobre o papel das tranças africanas como representatividade, incentivando cada participante a relatar memórias que remetem à ancestralidade, aceitação e identidade. A etapa prática foi dedicada à vivência do trançar, na qual cada pessoa poderá escolher livremente o modelo de trança, de acordo com seu estilo e conexão simbólica. A atividade será acompanhada por músicas que celebrem a ancestralidade, registrada em fotografias e finalizada com um lanche compartilhado.

Foram utilizados materiais como postigos (sintéticos), pentes, tesouras, pomada modeladora e palitos de espetinho, além de demonstrações práticas de diferentes estilos de tranças, com ou sem o uso de material sintético. Para encerrar, foi deixado um espaço de 10 minutos para que as participantes compartilhassem suas impressões sobre a oficina, fortalecendo o caráter de troca, aprendizado e valorização da estética negra como expressão e resistência.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados obtidos durante as trocas de saberes com participantes, foram observados que as participantes têm perspectivas diferentes sobre o uso de tranças africanas: Para participante A, a primeira ideia que surge ao pensar em tranças africanas é a área comercial, já que a valorização das tranças africanas é mais voltada para a autoestima e a beleza, “mas minha perspectiva sobre as tranças africanas mudou quando chegou ao Brasil em 2023, compreendendo que elas vão para além desses aspectos e seus significados em algumas etnias africanas carregam ancestralidade, posição social e diferença étnica”. Para participante B, “usar as tranças africanas era um hábito comum: colocá-las e prosseguir com nossas atividades cotidianas”, contudo, ao chegar no Brasil percebeu que o uso das mesmas vai além do que pensava, passou a valorizar o que é seu e não o que é do outro. E para participante C, o contato com tranças africanas se deu com a vinda dela para Unilab, “eu não tive muito contato com trança quando era criança, minha família toda é branca e de cabelo liso, então eu era a única que tinha cabelo cacheado. E quando eu ia fazer trança, era só tranças básicas e [...], aqui tem uma cultura de não valorizar as tranças. Então, quando eu cheguei aqui no Acarape e conheci a cultura das tranças africanas passei a usar [...], muitas pessoas aqui do Brasil veem tranças africanas como algo sujo, não só com tranças, dreads ou rasta também como. Então eu acho que a trança pra mim, hoje em dia, aqui no Brasil, se torna uma questão mais de identidade e reafirmação da identidade negra”.

CONCLUSÕES

Durante a oficina, todas as participantes se mostraram profundamente engajadas, compartilhando suas experiências de forma espontânea e enriquecedora. Esse envolvimento coletivo foi essencial para o êxito da



atividade, superando nossas expectativas iniciais. As falas e reflexões sobre o tema evidenciaram que as tranças africanas ultrapassam o mero aspecto estético: elas carregam significados que remetem à identidade, à ancestralidade e à resistência cultural, elementos fundamentais para a valorização das raízes africanas na contemporaneidade.

O encontro, portanto, não se restringiu à prática manual da trança, mas configurou-se como um espaço de diálogo, de reconhecimento mútuo e de fortalecimento da autoestima, marcado por alegria, afeto e acolhimento. Nesse sentido, a oficina mostrou seu potencial transformador ao proporcionar um ambiente de partilha e de valorização da diversidade cultural.

Do ponto de vista educativo, constatamos que essa atividade possui um caráter formativo que extrapola os muros escolares, podendo ser facilmente replicada em diferentes espaços comunitários de Acarape, como praças, quadras esportivas, Centros de Referência da Assistência Social (CRAS), presídios e exposições ao ar livre. Essa possibilidade de multiplicação contribui não apenas para ampliar o alcance da ação, mas também para fortalecer o impacto social, promovendo inclusão, diálogo intercultural e consciência crítica sobre a importância da cultura afro-brasileira na construção da identidade coletiva.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradecemos à comissão organizadora por proporcionar este espaço de socialização de pesquisas, no qual os estudantes têm a oportunidade de expor e compartilhar os resultados de seus trabalhos acadêmicos. Esse momento evidencia que a Universidade não se restringe às quatro paredes da sala de aula, mas se abre ao diálogo, à troca de saberes e à valorização das diversas experiências formativas.

Estendemos nossa gratidão ao Professor Evaldo, cujo apoio e orientação foram fundamentais para a construção e desenvolvimento deste trabalho.

REFERÊNCIAS

- CLEMENTE, A.F. TRANÇA AFRO - a cultura do cabelo subalterno. 2010, 15 p.(Monografia) - Universidade de São Paulo - USP. Escola de Comunicações e Artes - ECA Centro de Estudos Latino Americano sobre Cultura e Comunicação - CELACC Curso de Especialização em Gestão de Projetos Culturais e Organização de Eventos, São Paulo. Disponível em: http://celacc.eca.usp.br/?q=pt-br/tcc_celacc/trancas-afro-cultura-cabelo-subalterno. Acesso em: 09 mai. 2025
- DOS REIS, Nathália Dienifer Silva. USOS E RESSIGNIFICAÇÕES DAS TRANÇAS E PENTEADOS AFROS NO PROCESSO DE (RE) AFIRMAÇÃO DA IDENTIDADE NEGRA. Disponível em: <https://epsjv.phlnet.com.br/beb/textocompleto/mfn20608.pdf>. Acessado em: 05 mai. 2025.
- GOHN, Maria da Glória. Movimentos sociais na contemporaneidade. Revista brasileira de Educação, v. 16, n. 47, p. 333-361, 2011.
- GOHN, Maria da Glória Marcondes. Educação não-formal e cultura política: impactos sobre o associativismo do terceiro setor. (No Title), 2001.
- MARANDINO, Martha. Faz sentido ainda propor a separação entre os termos educação formal, não formal e informal?. Ciência & Educação (Bauru), v. 23, p. 811-816, 2017.
- SÁ, Ricardo Antunes de. Pedagogia: identidade e formação o trabalho pedagógico nos processos educativos não-escolares. Educar em Revista, p. 171-180, 1999.

